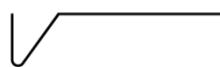


Bastidores e repercussões de *La Distinction* de Pierre Bourdieu¹



Carolina Pulici²

Como este Ciclo tem mostrado, são muitas as entradas possíveis numa obra como a que hoje debatemos, de tamanha estatura transdisciplinar, vigor teórico-metodológico e pluralidade temática. Mas seja qual for o enfoque, e mesmo a leitura, crítica ou reverenciosa, dos trabalhos de Pierre Bourdieu, eles aparecem aos cientistas sociais do século XXI como transformadores do horizonte do pesquisável, por terem modificado os termos do debate na área e alterado a disposição hierárquica das diferentes especialidades sociológicas, fazendo com que a sociologia da cultura, que até então constituía uma subseção de importância menor, se tornasse, segundo Michèle Lamont, a seção mais relevante da *American Sociological Association*³.

Aceitando-se que Bourdieu e sua equipe inventaram uma nova maneira de fazer sociologia e subverteram a hierarquia dos objetos de estudo legítimos, eu gostaria de trazer para discussão alguns elementos desse aprimoramento das concepções da excelência

¹ Está é uma versão ligeiramente modificada da conferência apresentada na mesa “Desigualdades frente à cultura: classes, legitimidade e distinção”, realizada no âmbito do *Ciclo Pierre Bourdieu* promovido pela *Sociedade Brasileira de Sociologia* (SBS) em 14/04/2022.

² Professora de sociologia do Departamento de ciências sociais da Universidade federal de São Paulo (UNIFESP).

³ LAMONT, Michèle. « En quoi Bourdieu a-t-il été utile à notre réflexion ? Le cas des États-Unis ». In : COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien (orgs.). *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*. Paris : Découverte, 2013, pp. 59-68.

sociológica. Embora eu reconheça a importância de sua obra para outras especialidades que não a sociologia da cultura, o tema da mesa de hoje, no qual se inscrevem inclusive minhas próprias pesquisas, me levam a apresentar as transformações operadas pelo antigo Centro de Sociologia Europeia (CSE) com base nos muitos trabalhos sobre a gênese social das preferências e das competências estéticas.

Minha proposta de destacar como tais investigações reorientaram a abordagem de problemas clássicos e os procedimentos de coleta e tratamento de dados empíricos então vigentes se baseia principalmente na obra mestra *La Distinction. Critique sociale du jugement* (1979), que reuniu uma série de pesquisas realizadas anteriormente no CSE e alavancou o reconhecimento intelectual, público e internacional de Bourdieu, tendo lhe valido os prêmios mais prestigiosos na área de sociologia e a melhor colocação em vários indicadores bibliométricos internacionais⁴.



As edições francesa (1979) e brasileira (2006) d'*A Distinção* e o autor entrevistado em canal televisivo de abrangência nacional quando da publicação do livro.

A Distinção é uma espécie de síntese de 17 anos de pesquisas coletivas sobre a sociedade francesa dos anos 1960 e 1970⁵, como a que resultou no livro sobre a fotografia (*Un art moyen*, ainda sem edição brasileira), nascido de um estudo encomendado pela empresa Kodak e publicado em 1965 em parceria com Luc Boltanski, Jean-Claude

⁴ SAPIRO, Gisèle. « La carrière internationale de *La Distinction* ». In : Idem, ibidem, pp. 45-58.

⁵ COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien. « Introduction ». In : Idem, ibidem, pp. 7-25.

Chamboredon e Robert Castel⁶. Além de financiar as investigações do Centro, essa encomenda permitiu que Bourdieu tivesse acesso às demais pesquisas que a empresa de fotografia tinha encomendado a organismos privados, possibilitando que ele fizesse a crítica da abordagem econométrica dos estudos de mercado e promovesse, assim, por contraste, sua concepção do ofício do sociólogo⁷. Com a pesquisa sobre os usos sociais da fotografia Bourdieu também buscava se distinguir da sociologia da arte praticada por Pierre Francastel, que ocupava a VIª seção da Escola Prática de Altos Estudos e que para ele nutria uma representação “mística” da experiência estética, não mobilizando nenhuma metodologia propriamente sociológica. O estudo desse objeto então menor que era a fotografia, emblema da “obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”⁸, permitia também marcar a diferença em relação aos trabalhos de Violette e Edgar Morin no âmbito do Centro de Estudos de Comunicação de Massa, combatendo a perspectiva dominante da maioria dos trabalhos sobre “os meios modernos de comunicação”⁹.

A Distinção também incorpora a pesquisa que deu origem ao livro *O amor pela arte. Os museus de arte da Europa e seu público*, publicado em 1966 com a colaboração essencial de Alain Darbel, estatístico do *Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos* (INSEE) com quem ele já tinha trabalhado na Argélia¹⁰. Originalmente uma encomenda do Ministério dos Assuntos Culturais, tal pedido foi de pronto aceito por Bourdieu com o intuito de poder pagar seus colaboradores, mas também ter acesso a dados públicos e conferir um caráter oficial às investigações do CSE, não obstante a tensão inerente à realização de uma pesquisa científica que deve ao mesmo tempo orientar políticas públicas de redução das desigualdades culturais¹¹.

Tais levantamentos destinados a contemplar as preocupações práticas dos gestores dos equipamentos culturais davam muito mais o tom dos trabalhos do sociólogo do lazer Joffre Dumazedier, primeiro convidado a dirigir a investigação nos museus, que só foi então

⁶ BOURDIEU, Pierre (org.). *Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris : Minuit, 1965.

⁷ ISSENHUTH, Pernelle. « Les débuts d’une sociologie du goût : l’esthétique, Kodak et les classes sociales ». In : DUVAL, Julien ; HEILBRON, Johan & ISSENHUTH, Pernelle. *Pierre Bourdieu et l’art de l’invention scientifique. Enquêter au Centre de sociologie européenne (1959-1969)*. Paris : Classiques Garnier, 2022, pp. 175-232.

⁸ BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: ADORNO et al. *Teoria da cultura de massa*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000 [1936], pp. 221-254.

⁹ DUVAL, Julien. “Sobre a transformação do sistema de gostos na França”. In: PULICI, Carolina & FERNANDES, Dmitri. *As lógicas sociais do gosto*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019, pp. 273-308.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *L’amour de l’art. Les musées d’art européens et leur public*. Paris : Minuit, 1966.

¹¹ DUVAL, Julien. « L’entremêlement de la sociologie et des mathématiques : la recherche sur les musées ». In : DUVAL, Julien ; HEILBRON, Johan & ISSENHUTH, Pernelle. *Pierre Bourdieu et l’art de l’invention scientifique*, op. cit., pp. 325-361.

solicitada num segundo momento a Bourdieu por conta da indisponibilidade do Dumazedier. Nascido de uma demanda externa mas tratado de forma a subsidiar problemáticas construídas de forma autônoma, *O amor pela arte* foi uma das pesquisas mais ambiciosas do CSE em termos estatísticos, pois pela primeira vez se pôde contar com uma amostra representativa (foram passados 10 000 questionários), no intuito de desafiar o pensamento matemático de Paul Lazarsfeld, que desdenhava as amostras com as quais Bourdieu e Jean-Claude Passeron trabalharam nos livros sobre educação (*“ah, os trabalhos de Bourdieu com 150 alunos”*)¹².

Rivalizar com Lazarsfeld mas sem por isso prescindir de observações etnográficas, entrevistas e reflexões epistemológicas desvalorizadas pelo austríaco-americano. Ou seja, sem abrir mão da complementaridade dos métodos de pesquisa que sempre foi a tônica da sociologia bourdieusiana. Porque foi justamente a superação da antiga querela entre métodos etnográficos e métodos estatísticos que permitiu reconciliar a verdade dos dados objetivos com a subjetividade dos que a vivenciam¹³. Como afirmou Dominique Schanapper em entrevista a Julien Duval, *“Ele queria mostrar que ele podia fazer como Lazarsfeld; mas que queria fazer outra coisa; [...] ‘eu faço pesquisa estatística, mas eu faço mais do que isso’”*¹⁴. Segundo Duval neste trabalho baseado nos arquivos Pierre Bourdieu recentemente abertos aos pesquisadores, a obra *O amor pela arte* constitui a primeira tentativa de se colocar na condição de etnólogo das classes cultivadas, esses “nativos da cultura erudita”, como gostava de dizer Bourdieu, que nas últimas páginas da segunda edição anunciará o problema que se tornará central n’*A Distinção*, qual seja, o da contribuição da fruição artística à “sociodicéia” burguesa e à ideologia do gosto natural.

A sociologia da percepção estética¹⁵ que figura n’*A Distinção* também deve muito a um artigo de quase 100 páginas intitulado “Anatomie du goût”, publicado em 1976 em parceria com Monique de Saint-Martin¹⁶. Como nos esclarece a coautora, o levantamento de dados durou 12 anos, pois além do questionário aplicado pelo próprio Centro junto a 1.217 pessoas, foram mobilizados os grandes levantamentos estatísticos do INSEE sobre

¹² Idem, *ibidem*, p. 335.

¹³ PULICI, Carolina. “A derrocada simbólica da terra natal”. In: *O baile dos celibatários. Crise da sociedade camponesa no Béarn*. Tradução, apresentação e notas de Carolina Pulici. São Paulo: Editora Unifesp, 2021 [2002], pp. 7-17.

¹⁴ DUVAL, Julien. « L’entremêlement de la sociologie et des mathématiques », op. cit., p. 335, tradução nossa.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre & DELSAUT, Yvette. « Pour une sociologie de la perception ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 40 (« Sociologie de l’œil »), 1981, pp. 3-9.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre & SAINT-MARTIN. « Anatomie du goût ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 5, 1976, pp. 2-81.

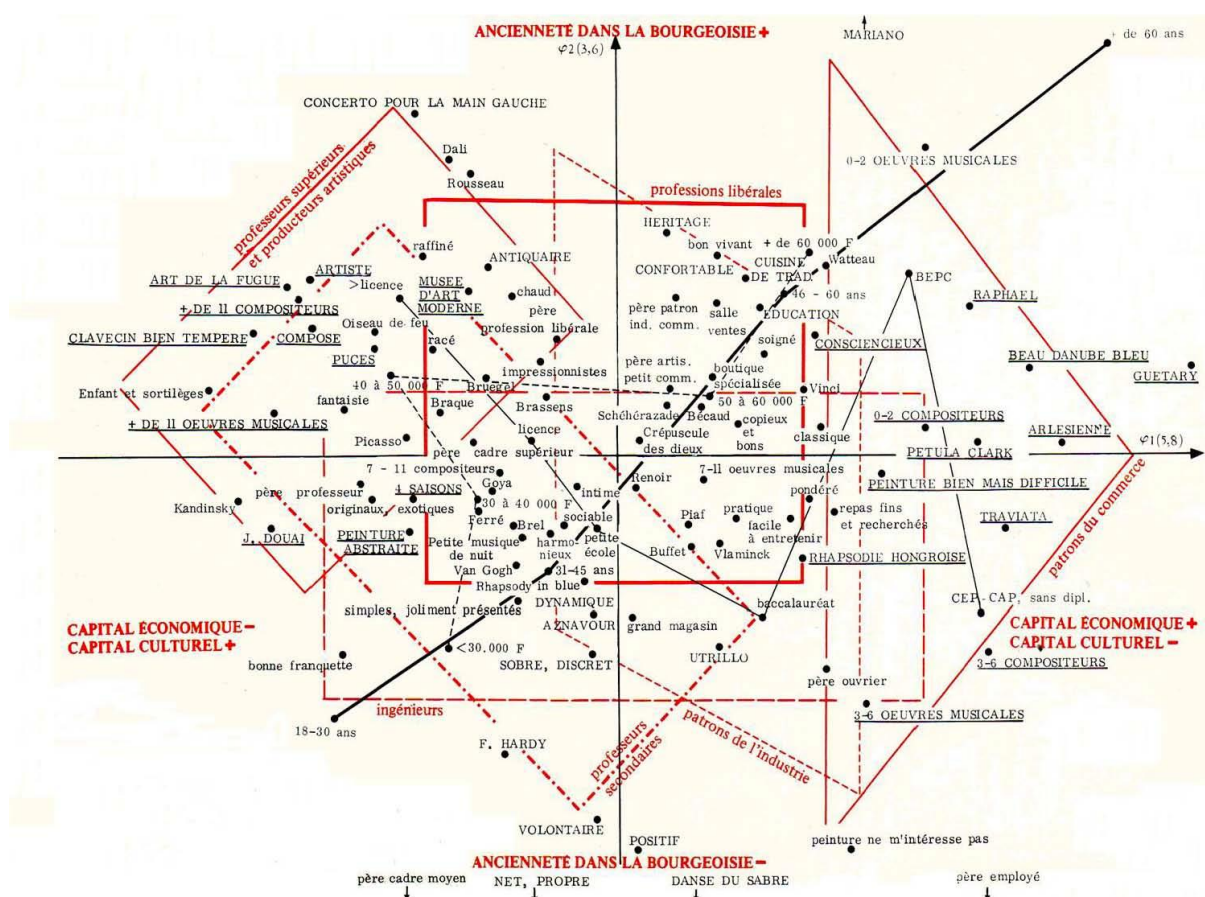
o consumo, e vários outros realizados por institutos de sondagem privados com objetivos publicitários, para que fosse possível situar a pesquisa sobre o gosto num universo muito mais amplo¹⁷. Com todas as dificuldades devidas ao fato de não recorrerem todos às mesmas classificações no que tange às categorias socioprofissionais. A propósito, o questionário de elaboração própria precisou ser recodificado, pois as categorias socioprofissionais concebidas pelo INSEE em 1954 nas quais a equipe de Bourdieu se baseava tinham se tornado simplificadoras demais para a França dos anos 1970, não distinguindo, por exemplo, os executivos do setor público dos do setor privado.

Nesse diálogo entre o CSE e o INSEE, uma nova nomenclatura das profissões passa a ser gestada no seio do Instituto, mas ela só ficaria pronta em 1982, de modo que a recodificação operada pela equipe do Bourdieu passou a poder distinguir, por exemplo, um comerciante ou artesão de arte dos demais artesãos e comerciantes, mesmo que tais categorias ainda não existissem enquanto tais na nomenclatura oficial do INSEE. A hipótese da homologia estrutural, que guiou a concepção e construção do espaço das posições sociais e do espaço dos estilos de vida, encontrou na análise de correspondências múltiplas¹⁸, que já vinha sendo usada em psicologia, uma ferramenta bastante apta a construir, nas palavras de Alain Desrosières, “*homologias entre espaços de grupos sociais e espaços de práticas*”¹⁹.

¹⁷ SAINT-MARTIN, Monique. « Les tentatives de construction de l'espace sociale, d'« Anatomie du goût » à *La Distinction*. Quelques repères pour l'histoire d'une recherche ». In : COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien (orgs.). *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*, op. cit., pp. 29-44.

¹⁸ DUVAL, Julien. « Analyser un espace social ». In : PAUGAM, Serge (org.). *L'enquête sociologique*. Paris: Presses universitaires de France, 2010, pp. 267-290.

¹⁹ DESROSIÈRES, Alain. « Analyse des données et sciences humaines : comment cartographier le monde social ? », citado em SAINT-MARTIN, Monique. « Les tentatives de construction de l'espace sociale, d'« Anatomie du goût » à *La Distinction* », op. cit., p. 39, tradução nossa.



Fonte: Análise de correspondências múltiplas no capítulo sobre as classes dominantes em *La Distinction*, op. cit., p. 296.

O livro também prolonga o diálogo travado por Bourdieu na mesma época com economistas e estatísticos sobre a questão do acesso aos bens econômicos e culturais na França do pós-guerra²⁰, período chamado de “Os trinta gloriosos”, como revela a obra coletiva *Le partage des bénéfices*²¹. Além de evidenciar a preocupação de Bourdieu nos anos 1970 com as classes sociais e sua reprodução, *A Distinção* também resulta de uma reflexão aprofundada sobre a própria escrita em ciências sociais²²: de todos os seus livros, esse é de longe o que mais integra no corpo do texto o uso intensivo de documentos (retratos de informantes com paráfrases de entrevistas, fotografias, gráficos, tabelas, recortes de jornal, box com poemas de Molière, romances de Proust, reprodução de pinturas ou fotografias usadas para apreender a disposição estética durante a aplicação dos questionários e

²⁰ COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien. « Introduction », op. cit.

²¹ DARRAS. *Le partage des bénéfices. Expansion et inégalités en France*. Paris: Minuit, Paris, 1966.

²² DUVAL, Julien. “Distinction (La). Critique sociale du jugement”. In: SAPIRO, Gisèle (org.). *Dictionnaire international Bourdieu*. Paris : CNRS Éditions, 2020. pp. 245-248.

realização das entrevistas), reproduzindo o padrão editorial da revista que criou em 1975, *Actes de la recherche en sciences sociales*.

Do ponto de vista das ideias substantivas²³, *A Distinção* demonstra que o juízo de gosto é bem menos pessoal do que se imagina, uma vez que subentende um privilégio social que se ignora como tal e que por isso se converte em racismo de classe. Como senso prático, o senso estético constitui uma dimensão de um habitus de classe, ou seja, de uma relação muito mais ampla com o mundo e com os outros, no sentido de que os agentes se diferenciam por meio das distinções que operam (entre o bonito e o feio, ou entre o distinto e o vulgar), uma vez que estas retraduzem suas posições nas classificações objetivas. E a análise estatística mostra que oposições de mesma estrutura que as observadas em matéria de fruição artística aparecem também em matéria de alimentação, de decoração e de vestuário, tais como a antítese entre a “substância” e a “forma”, que por sua vez recobre a oposição entre o “gosto de necessidade”, aferrado aos benefícios funcionais, e o “gosto de liberdade”, que desloca a ênfase da “matéria” em direção da “maneira”, por um partido de estilização que pede à “forma” para operar uma denegação da “função”.

A gente vê então que para Bourdieu a ciência do gosto deve abandonar a ideia de que o consumo artístico é um universo à parte, não conspurcado, para investigar as relações que unem as preferências em matéria de pintura e de decoração, de literatura e de vestuário, de música e de culinária, isto é, não se restringindo mais às obras nomeadas artísticas, a fim de identificar as apreensões diferenciais *de todas as coisas do mundo*. Essa reintegração do consumo estético no universo do consumo ordinário revogaria a oposição, que no seu entendimento fundamenta a estética erudita desde Kant, entre o chamado “gosto dos sentidos” e a sua contrapartida necessária que é o “gosto de reflexão”, ou seja, entre o “prazer fácil”, reduzido a um prazer dos sentidos, e o “prazer puro”, medida da capacidade de sublimação que define o homem verdadeiramente humano.

Mas essa ideia de que é preciso reintegrar o consumo estético no universo do consumo ordinário não o leva a pensar as predileções artísticas na ótica da indústria cultural. Convencido de que não apenas a grande mídia, mas também o sistema de ensino dispõe de um público “de massa”²⁴, Bourdieu rejeita as abordagens em termos de uma hegemonia da

²³ Salvo menção explícita à edição brasileira, todas as análises subsequentes do livro estão baseadas na edição original de 1979.

²⁴ DUVAL, Julien. “Sobre a transformação do sistema de gostos na França”, op. cit.

“cultura de massa”, que pressupõem uma doutrinação cultural massiva indistintamente apropriada por um gigantesco conglomerado de indivíduos, insistindo antes nos usos sociais da cultura, na formação do gosto do ponto de vista das propriedades sociais de seus portadores. Esse partido de devolver às especificidades morfológicas do público o que as teses sobre a indústria cultural atribuíam às características intrínsecas das obras produzidas em escala industrial destaca que o canto gregoriano, por exemplo, que na idade média era consumido pela população analfabeta e se caracterizava por ritmos tão repetitivos quanto os que Adorno reprovou no jazz, se tornou um gosto da elite melômana na época contemporânea, atestando que a posição de uma obra na hierarquia das legitimidades culturais depende mais do recrutamento social da clientela que a consagra, portanto de suas apropriações sociais, do que das propriedades que lhe são inerentes.

Filósofo de formação que se reconverteu em sociólogo depois de ter sido etnólogo, Bourdieu sempre construiu, na visão do Louis Pinto, todos seus objetos de pesquisa submetendo postulados filosóficos supostamente universais à prova da realidade²⁵. E no caso d’*A Distinção* não foi diferente, já que o problema de pesquisa parte da especificidade do juízo estético tal como definida por Kant na *Crítica do Juízo*²⁶, que teria alçado o “gosto dos sentidos” à condição de barbarismo, por oposição ao nobre “gosto de reflexão” que impõe o desinteresse pelo objeto representado e se constitui como princípio por excelência de um olhar e de uma estética “puros”. Esse ideal da percepção “pura”, que afirma *o primado da forma sobre a função, do modo de representação sobre o objeto de representação*, exige uma disposição estética que a arte precedente só reclamava de modo condicional – basta pensar nas obras expostas nos palácios e catedrais, que além de se apresentarem contextualizadas, cumpriam funções bem precisas. Ao interesse pelo objeto da representação, que leva a considerar belas as belas coisas representadas e, em particular, as que falam de modo mais imediato aos sentidos e à sensibilidade, o modo de apropriação estética tido por legítimo opõe a indiferença e o distanciamento que proíbem subordinar o juízo sobre a representação à natureza do objeto representado ou o reconhecimento da beleza à imagem da coisa bela (*“Uma mulher linda fica sempre bem na fotografia”*).

Para Bourdieu, essa norma do “olhar puro” que orienta a percepção formalista acompanha a constituição de um campo artístico relativamente autônomo, e corresponde

²⁵ PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu et la théorie du monde social*. Paris: Albin Michel, 1998.

²⁶ KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1790].

portanto a um estado do modo de produção artístico que tende a impor suas próprias regras tanto na produção quanto no consumo de seus produtos, priorizando aquilo de que o artista é senhor, ou seja, a forma, o estilo, a maneira, e não um referente exterior pelo qual se introduz a subordinação a funções, como a de representar uma realidade ou dizer alguma coisa. Nessa perspectiva, o museu de arte é a objetivação dessa disposição estética específica constituída em instituição, pois nada evidencia melhor a autonomização da atividade artística com relação aos interesses extra artísticos do que a justaposição de obras que, originalmente contextualizadas e subordinadas a funções inteiramente diferentes, exigem agora a atenção à forma mais do que à função, à técnica mais do que ao tema, invalidando a apreensão realista definida pelo cânon de uma estética familiar.

Ocorre que essa apreensão “desinteressada” valorizada nos mercados escolares e mundanos resulta de modalidades de aquisição de capital cultural desigualmente distribuídas, o que o leva a postular que o consumo cultural está predisposto a cumprir uma função social de legitimação das desigualdades sociais. Devido às condições de sua realização, o “olhar puro” em relação às criações artísticas, que neutraliza todo interesse afetivo ou ético pelo objeto da representação, implica uma ruptura com a atitude habitual em relação ao mundo que para Bourdieu é uma ruptura de ordem social, no sentido de uma distância eletiva das urgências do mundo. E tal distanciamento objetivo e subjetivo com relação às necessidades fundamenta o afastamento em relação aos grupos sociais submetidos a esses mesmos determinismos.

Na contramão do juízo estético legítimo que exige uma indiferença ética na apreensão dos bens estéticos, a estética popular afirmaria, pelo contrário, a continuidade da arte e da vida, emitindo apreciações estéticas que seriam antes juízos morais, anexando a estética à ética. Contrariando a estética “pura” que vê no desprendimento a única via de acesso ao efeito propriamente artístico, a estética popular, que Bourdieu chama de “uma estética anti-kantiana”, recusaria as experimentações formais que tendem a colocar à distância o espectador não-iniciado, impedindo-o de se identificar aos personagens e de “entrar no jogo”. Rejeitando essa recusa da adesão “fácil” e “vulgar”, não abrindo mão dos espetáculos que oferecem satisfações mais imediatas, a estética popular seria oposta à estética kantiana que, para estabelecer a especificidade do juízo estético, elege um prazer estético independente do prazer das sensações.

Se diferentemente dos estetas capazes de apreciar uma obra de arte “independentemente de seu conteúdo”, o operário destituído de conhecimento específico denuncia a gratuidade ostentatória dos exercícios de estilo e das experimentações formais, então é porque as tomadas de posição estéticas são oportunidades de afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter, inscrevendo inevitavelmente no plano das desigualdades sociais as competências em matéria de cultura.

Mas tais propriedades desigualmente distribuídas não funcionam da mesma forma em todos os campos nem nas diferentes posições estruturadoras de um mesmo campo: se as mesmas práticas podem receber valores opostos em campos diferentes, em estados diferentes ou em setores opostos de um mesmo campo, então é porque a relação estatística entre as propriedades dos agentes e as práticas só se realiza completamente na relação entre as disposições de um habitus e a lógica específica de um campo que definirá quais são os trunfos mais cotados. E tais definições não são estáticas, o que existe sempre são lutas em nome das competências culturais mais legítimas. Assim, por exemplo, a exaltação do esporte e a valorização da cultura econômico-política em detrimento da cultura literária ou artística integram as estratégias através das quais as frações dominantes das classes dominantes procuram desacreditar os valores reconhecidos pelas frações “intelectuais” da classe dominante, o que atesta a existência de definições antagonistas de cultura legítima e das relações legítimas com a cultura.

Por fim, cabe frisar que o pensamento relacional implementado n’*A Distinção* faz a junção entre os primeiros trabalhos mais antropológicos e as pesquisas subsequentes empenhadas em mostrar as dimensões esquecidas das lutas de classe. Como ele disse tantas vezes, os etnólogos sempre se colocaram o problema das classificações, sem levar em conta o problema das classes sociais, ao passo que os sociólogos fizeram o caminho inverso: investigaram as classes sociais desconsiderando as classificações; de modo que com *A Distinção* teria buscado relacionar as classificações simbólicas e as divisões do mundo social.

Desafiando as resistências ao estudo sociológico do gosto, que remete uma experiência supostamente “única” a categorias genéricas como a classe social, o autor frisa que o gosto é a *afirmação prática de uma diferença inevitável*: sendo produto de um habitus estribado em condições de existência determinadas, o gosto une e separa, associa todos os que são produtos de condições semelhantes, distinguindo-os necessariamente de todos os demais. Esse enfoque das desigualdades frente à cultura recupera, portanto, o suposto

antropológico de que existir socialmente é diferir, de que ser alguma coisa é não ser todas as outras coisas em relação às quais toda e qualquer coisa se define em seu sentido e em suas funções. Este modo de pensamento *relacional* inerente ao conceito de campo e ao suposto de que o “distinto” só pode existir em oposição ao “vulgar” é uma contribuição que ele retém do estruturalismo lévistaussiano, que rompeu com o modo de pensamento substancialista ao caracterizar cada elemento pelas relações que o unem a todos os outros. Como ele explicita em *O senso prático*, uma grande contribuição de Lévi-Strauss foi estender às ciências sociais o modo de pensamento relacional, para o qual tomar um traço isoladamente é esquecer que cada um deles significa o que todos os outros não significam²⁷.

Mas diferentemente do estruturalismo, ele não negligencia os fundamentos econômicos e políticos das trocas simbólicas²⁸, como não nega, aliás, a exaustiva transposição do vocabulário do mundo econômico no tratamento do mundo simbólico. Se a “estilização da vida” de que falava Weber implica distância e exclusividade²⁹, não admira que Bourdieu chegue até mesmo a afirmar que “*A intolerância estética exerce violências terríveis. A aversão pelos estilos de vida diferentes é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes*”³⁰.

Justamente essa ideia de que a reprodução das posições de classe depende também do grau de proximidade da cultura legitimada gerou muitas críticas³¹, fazendo d’*A Distinção* uma de suas obras mais polêmicas³². Uma outra crítica recorrente ao livro é a de que a variável classe social monopoliza a determinação das práticas³³. Em diversos momentos de sua obra, Bourdieu reconhece que para além dos determinantes fundamentais das condições de existência, que para ele eram os econômicos e culturais, há que se levar em conta as características secundárias constitutivas da posição social (etnia, gênero, faixa

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.

²⁸ Idem. “As estratégias matrimoniais no sistema das estratégias de reprodução”. In: *O baile dos celibatários*, op. cit., pp. 174-209.

²⁹ WEBER, Max. “A distribuição do poder dentro da comunidade: classes, estamentos e partidos”. In: *Economia e sociedade. Fundamentos de sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora UNB, 2000 [1922], pp. 175-186.

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e de Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2008 [1979], p. 60.

³¹ Ver, quanto a esta crítica, HALLE, David. *Inside Culture. Art and Class in American Homes*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

³² LAMONT, Michèle. *Money, Morals and Manners. The Culture of the French and the American Upper-Middle Class*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

³³ HALL, John R. “The capital (s) of cultures: a nonholistic approach to status situations, class, gender, and ethnicity”. In: LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences. Symbolic boundaries and the making of inequality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992, pp. 257-285.

etária), mas sem, contudo, esquecer que esses vários fatores possuem pesos diferentes e, desse modo, relacionam-se de forma hierárquica³⁴.

Em sua comunicação ao colóquio internacional ocorrido em Paris no ano de 2010 por ocasião dos 30 anos de publicação d’*A Distinção* (“*Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*”), Monique de Saint-Martin, uma das principais colaboradoras de Bourdieu, fez eco às críticas anglo-saxônicas que consideram que houve um exagero do peso do pertencimento de classe – ainda que este tenha sido requalificado como volume, estrutura e evolução no tempo dos capitais –, em detrimento das assimetrias de gênero, faixa etária, filiação étnica e localização geográfica. Com a força e a fraqueza que disso decorrem, poderíamos acrescentar. Uma das forças foi, sem dúvida, a de dar novo fôlego às análises em termos de classe social, que sem a requalificação operada n’*A Distinção* teriam desaparecido do horizonte da sociologia não diretamente marxista³⁵. Essa nova forma de pensar a “luta de classificação das classes” tem ainda o mérito de rejeitar a perspectiva pretensamente apolítica de boa parte da sociologia norte-americana, que prefere falar em “estratificação social” ao invés de “luta de classes”³⁶, eufemizando tudo o que há de conflitivo nas relações sociais mediante a construção de escalas nas quais os diferentes grupos se distribuem de forma meramente superposta, não sendo mais do que aglomerados de variáveis (classe, gênero, raça, idade, localização geográfica) dispostas sem qualquer relação de subordinação.

Referências

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: ADORNO et al. *Teoria da cultura de massa*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000 [1936], pp. 221-254.

BOURDIEU, Pierre (org.). *Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris : Minuit, 1965.

BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *L’amour de l’art. Les musées d’art européens et leur public*. Paris : Minuit, 1966.

³⁴ “Como o ser segundo Aristóteles, o mundo social pode ser dito e construído de diferentes modos: ele pode ser praticamente percebido, dito, construído, segundo diferentes princípios de visão e de divisão – por exemplo, as divisões étnicas –, dando-se por entendido que os reagrupamentos na estrutura do espaço construído na base da distribuição do capital apresentam maiores probabilidades de serem estáveis e duradouros e que as outras formas de reagrupamento estarão sempre ameaçadas pelas cisões e oposições ligadas às distâncias no espaço social. Falar de um espaço social é dizer que não se pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais”. BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e gênese das classes”. In: *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 [1984], p. 137.

³⁵ Ver, entre outros, JOPPKE, Christian. “The Cultural Dimensions of Class Formation and Class Struggle: on the Social Theory of Pierre Bourdieu”. *Berkeley Journal of Sociology: Critical Review*, 1986, pp. 53-78.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. *La Distinction*, op. cit., pp. 272-273.

BOURDIEU, Pierre & DELSAUT, Yvette. « Pour une sociologie de la perception ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 40 (« Sociologie de l'œil »), 1981, pp. 3-9.

BOURDIEU, Pierre & SAINT-MARTIN. « Anatomie du goût ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 5, 1976, pp. 2-81.

BOURDIEU, Pierre. “As estratégias matrimoniais no sistema das estratégias de reprodução”. In: *O baile dos celibatários. Crise da sociedade camponesa no Béarn*. Tradução, apresentação e notas de Carolina Pulici. São Paulo: Editora Unifesp, 2021 [2002], pp. 174-209.

BOURDIEU, Pierre. “Condição de classe e posição de classe”. In: *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. Tradução de Sônia Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1999 [1966], pp. 3-25.

BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e gênese das classes”. In: *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 [1984], p. 133-161.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e de Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2008 [1979].

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.

COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien. « Introduction ». In COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien (orgs.). *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*. Paris : Découverte, 2013, pp. 7-25.

DARRAS. *Le partage des bénéfices. Expansion et inégalités en France*. Paris: Minuit, Paris, 1966.

DUVAL, Julien. “Sobre a transformação do sistema de gostos na França”. In: PULICI, Carolina & FERNANDES, Dmitri. *As lógicas sociais do gosto*. São Paulo: Editora Unifesp, 2019, pp. 273-308.

DUVAL, Julien. « Analyser un espace social ». In : PAUGAM, Serge (org.). *L'enquête sociologique*. Paris: Presses universitaires de France, 2010, pp. 267-290.

DUVAL, Julien. « L'entremêlement de la sociologie et des mathématiques : la recherche sur les musées ». In : DUVAL, Julien ; HEILBRON, Johan & ISSENHUTH, Pernelle. *Pierre Bourdieu et l'art de l'invention scientifique. Enquêter au Centre de sociologie européenne (1959-1969)*. Paris : Classiques Garnier, 2022, pp. 325-361.

HALL, John R. “The capital (s) of cultures: a nonholistic approach to status situations, class, gender, and ethnicity”. In: LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. *Cultivating differences. Symbolic boundaries and the making of inequality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992, pp. 257-285.

HALLE, David. *Inside Culture. Art and Class in American Homes*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

ISSENHUTH, Pernelle. « Les débuts d'une sociologie du goût : l'esthétique, Kodak et les classes sociales ». In : DUVAL, Julien ; HEILBRON, Johan & ISSENHUTH, Pernelle. *Pierre Bourdieu et l'art de l'invention scientifique. Enquêter au Centre de sociologie européenne (1959-1969)*. Paris : Classiques Garnier, 2022, pp. 175-232.

JOPPKE, Christian. “The Cultural Dimensions of Class Formation and Class Struggle: on the Social Theory of Pierre Bourdieu”. *Berkeley Journal of Sociology: Critical Review*, 1986, pp. 53-78.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1790].

LAMONT, Michèle. « En quoi Bourdieu a-t-il été utile à notre réflexion ? Le cas des États-Unis ». In : COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien (orgs.). *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*. Paris : Découverte, 2013, pp. 59-68.

LAMONT, Michèle. *Money, Morals and Manners. The Culture of the French and the American Upper-Middle Class*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MARX, Karl. “Posfácio da segunda edição”. In: *O capital*. Volume 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988 [1873].

PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu et la théorie du monde social*. Paris: Albin Michel, 1998.

PULICI, Carolina. “A derrocada simbólica da terra natal”. In: *O baile dos celibatários. Crise da sociedade camponesa no Béarn*. Tradução, apresentação e notas de Carolina Pulici. São Paulo: Editora Unifesp, 2021 [2002], pp. 7-17.

SAINT-MARTIN, Monique. « Les tentatives de construction de l'espace social, d'Anatomie du goût à La Distinction. Quelques repères pour l'histoire d'une recherche ». In : COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien (orgs.). *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*. Paris : Découverte, 2013, pp. 29-44.

SAPIRO, Gisèle. « La carrière internationale de *La Distinction* ».». In : COULANGEON, Philippe & DUVAL, Julien (orgs.). *Trente ans après La Distinction de Pierre Bourdieu*. Paris : Découverte, 2013, pp. 45-58.

WEBER, Max. “A distribuição do poder dentro da comunidade: classes, estamentos e partidos”. In: *Economia e sociedade. Fundamentos de sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora UNB, 2000 [1922], pp. 175-186.